

Brasil está pagando US\$ 7 bi a credores

O embaixador extraordinário para a dívida externa, Jório Dauster, rechaçou a acusação dos bancos internacionais, de que o Brasil não estaria pagando nada aos credores, desde a moratória de 1987. Somente este ano, segundo o diplomata, o País está pagando sete bilhões de dólares para cobrir linhas de curto prazo, bônus, dívidas entre empresas e créditos do Banco Mundial (Bird), FMI e Clube de Paris. O total dos compromissos, admite, somaria 16 bilhões de dólares até o final do ano.

O que não está sendo pago, afirmou, são as amortizações de juros dos empréstimos de médio e longo prazo dos bancos comerciais privados e uma parte das linhas do Clube de Paris, anteriores a 1983. Dentro dos compromissos que estão sendo honrados, adiantou que está previsto um desembolso de cinco a seis bilhões de dólares, para 1991.

CONVERSÃO

O Governo vai regulamentar os mecanismos de conversão da dívida em investimentos de risco, para apresentar como alternativa aos bancos credores — e não como condição para o acordo, anunciou Dauster.

Disse que a conversão não terá valores nem datas pré-fixadas, como ocorreu nos leilões de 1988, devendo prevalecer um calendário “que seja conveniente

para a política monetária do Governo”.

O Brasil proporá pagar apenas 500 ou 600 milhões de dólares em 1991, às entidades oficiais de crédito dos países desenvolvidos, reunidas no âmbito do Clube de Paris, informou o embaixador. Pelo último acordo de refinanciamento com o Clube de Paris, o Brasil teria de desembolsar 4,5 bilhões de dólares no próximo ano — quantia que considera “Um absurdo completo” — entre juros e amortizações de uma dívida total de quase 22 bilhões.

A limitação dos desembolsos em menos de 20 por cento do inicialmente previsto é resultado do conceito central que também está norteando as negociações com os bancos privados internacionais: a capacidade de pagamento do País estará vinculada, nos próximos anos, aos seus superávits fiscais. Dauster informou que essa proposta será apresentada ao Clube de Paris até o final de novembro, por uma missão técnica que fará um giro pela Europa, onde se localiza a maior parte dos sócios da entidade, e Japão.

O grupo começará a viagem por Paris, sede do clube que reúne os **Eximbanks** dos países industrializados. Estuda-se a possibilidade de os Estados Unidos serem incluídos no roteiro. Segundo o embaixador a missão poderá chegar à França antes mesmo da metade de novembro, se o comitê dos bancos credores marcar a

segunda reunião com representantes do Brasil para o final do próximo mês. Revelou que o Governo não quer enviar para o exterior duas missões simultaneamente, para não dividir forças.

O último acordo de refinanciamento da dívida de mais 22 bilhões junto ao Clube de Paris prevê que o Brasil deve desembolsar mais de 13 bilhões entre 1991 e 1993, a título de juros e amortizações do principal. “Isto seria um absurdo completo e impossível de cumprir”, comentou Dauster. No próximo ano, o País desembolsará segundo ele, apenas cinco bilhões para atender os serviços dos bancos privados, Clube de Paris, FMI (Fundo Monetário Internacional) e Banco Mundial.

Dauster acha que não será difícil explicar aos governos dos países credores a proposta de refinanciamento das dívidas junto aos **Eximbanks** porque, até novembro, o conceito de capacidade de pagamento estará mais difundido. Considera também que, até o final de novembro, o Governo brasileiro terá amealhado mais apoios internos à proposta de renegociação junto aos bancos credores. É, como o plano de refinanciamento junto ao Clube de Paris será idêntico, ao dos bancos internacionais, o apoio interno virá automaticamente para a proposta a ser apresentada aos governos dos países desenvolvidos, raciocina.